

processo contínuo, constituído por rupturas e descontinuidades, o estudo histórico é entendido como uma construção social, e não uma sucessão linear de fatos”, neste aspecto, consideramos indispensável o desenvolvimento de uma metodologia que nos permitisse compreender não só o objeto de estudo de nossa pesquisa, como também, os processos sociais e educacionais imbricados no período histórico no qual tal pesquisa se propõe a analisar. Dessa forma, abarcando elementos internos e externos dos documentos, caracterizando-se enquanto uma pesquisa empírica e qualitativa, cujos dados são coletados de fontes documentais e através de entrevistas semi-estruturadas. Sendo assim, apesar dos desafios enfrentados durante a incursão nos arquivos e leituras historiográficas, já é possível afirmar que a atuação de Lígia Farinha Almeida no município de Bagé foi essencial para a transformação dos direitos femininos na região, abrindo a possibilidade para que outras mulheres também pudessem trilhar o caminho político institucional. Além disso, a pesquisa nos fez reconhecer a importância de revisitar a história, participação e contribuição de mulheres na historicidade, contribuindo para que esse apagamento e exclusão sejam mitigados.

Palavras-chave: História, História da Educação, Gênero.

REVISTA O CRUZEIRO E REPRESENTAÇÕES DO FEMININO:
APROPRIAÇÕES E PRÁTICAS ENTRE AS LEITORAS PELOTENSES
NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960

Tânia Nair Alvares Teixeira
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)
tanialvares@yahoo.com

A proposta de comunicação faz parte da pesquisa de doutorado⁵¹, cuja problemática centra-se na análise da revista *O Cruzeiro*, abordando os discursos textuais e imagéticos relativos à educação feminina, buscou-se verificar, através de entrevistas com algumas leitoras pelotenses do referido periódico nas décadas de 1950 e 1960, possíveis apropriações e práticas decorrentes de tais leituras. Sendo assim, o trabalho que vem se desenvolvendo tem o objetivo de pensar de que forma os discursos impressos na revista *O Cruzeiro*, influenciaram na formação destas mulheres pelotenses.

A pesquisa está fundamentada na história cultural, se insere no campo da História da Educação e fará uso da metodologia da História Oral.

Em termos teóricos, vale ressaltar que os estudos sobre memória, acionados pela metodologia da História Oral são relevantes neste trabalho, pois segundo Grazziotin e Almeida (2012, p. 35), “a memória constitui-se em documento, e a História Oral é a metodologia aplicada no intuito de operacionalizar o diálogo entre teoria e dados empíricos, promovendo outras perspectivas de conhecimento do passado”.

No caso em questão, a memória foi utilizada como fonte, por meio das narrativas das mulheres e a História Oral, como uma ferramenta metodológica que nos auxiliou em todo o processo do trabalho.

A História Cultural é tomada como aporte teórico, pois tem por interesse a análise dos sentidos e as formas de apreensão da realidade. Seu objetivo é “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 2002, p. 16). Assim, o conceito de apropriação desponta como fundamental, na medida em que é entendido como as interpretações, “remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem” (CHARTIER, 2002, p. 26).

Em um primeiro momento foi realizado um levantamento para identificar o número de edições publicadas da revista *O Cruzeiro*, principal fonte deste

⁵¹ Está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), na linha de pesquisa Filosofia e História da Educação.

trabalho. No arquivo da Hemeroteca Digital Brasileira⁵² foi constatada a existência de 888 exemplares disponíveis, no período pesquisado. Além disso, a investigação que está sendo relatada nesta comunicação também tem como fonte as narrativas produzidas em entrevistas por algumas das leitoras da revista *O Cruzeiro* durante o período temporal delimitado, na cidade de Pelotas-RS. Foram realizadas oito entrevistas entre agosto de 2019 e setembro de 2020. A escolha das mulheres, para compor o quadro de entrevistadas justifica-se pelo fato de ter-se observado que sendo elas, nestes anos, leitoras do periódico, é presumível que seguissem suas instruções no que se referia aos seus próprios cuidados.

Viabilizada pela História Social das Elites, o presente estudo problematiza então, a história de mulheres a partir de suas narrativas circunscritas a grupos sociais mais abastados. Nesse sentido, é oportuno entender a elite pelotense como sendo uma categoria/objeto de interesse do estudo. Isso se justifica, principalmente, por haver uma relação direta entre o consumo de um periódico e o gerenciamento das práticas nele enunciadas.

O Cruzeiro teve sua primeira edição em 10 de novembro de 1928 como uma revista semanal ilustrada. Com uma tiragem de 48 mil exemplares, custando um cruzeiro o exemplar.

Ao analisar o periódico, que circulou de 1928 até 1985, podemos encontrar muitas prescrições de ordem física e moral. Por exemplo, regulação de comportamentos que remetem à sexualidade, idealizações (em textos e imagens) de uma norma estética e recomendações de hábitos saudáveis. Esse período do recorte temporal, foi escolhido por se tratar de uma época, em que na visão da revista, ser mulher não era uma tarefa fácil, pois além de serem primorosas para o marido e para a sociedade, precisavam também cumprir com suas obrigações na construção de um lar feliz.

Nos anos 50 e 60 se inicia um processo de transformação no pensamento feminino, uma vez que, as mulheres começam a se organizar por meio de distintas formas de resistência social de modo a resultar em uma lenta e progressiva tomada

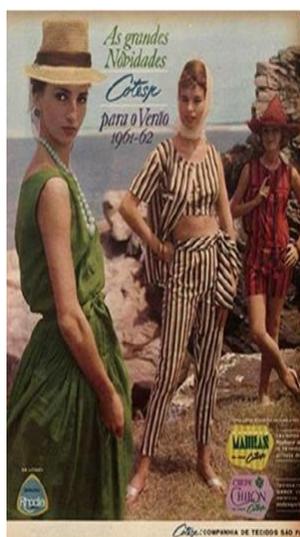
⁵² <https://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>

de consciência, lutando por direitos políticos e sociais, como ter acesso à educação, ao divórcio, ao mercado de trabalho e à política.

A revista, embora fosse popularmente consumida, tinha a classe média urbana e branca como o padrão de normalidade. No estudo em caso, interessam as mulheres pelotenses que ocupam um lugar social específico, visando compreender as suas possíveis apropriações ao adquirir e ler esse periódico que buscava apresentar essa nova mulher. As análises apontam que a revista evidenciava somente uma realidade feminina brasileira - mulheres jovens, belas e de uma camada social privilegiada.

As mulheres são uma parte significativa do público que consome os produtos de moda e beleza anunciados nas páginas das revistas. Através desse meio, se pode divulgar representações que determinavam certos padrões estéticos, bem como indicar referências de comportamento e promover hábitos de consumo. Um exemplo que pode sustentar essa afirmação está a seguir, onde são apresentadas a Figura 01, retirada da revista *O Cruzeiro*, e um trecho de uma das entrevistas realizadas.

Figura 01 – Propaganda de roupas.



Fonte: Revista *O Cruzeiro*, Ed. 0008 de 02 de dezembro de 1961, p. 77.

Analisando a figura 01, percebe-se uma propaganda de vestuário feminino. O sucesso do interesse de influência nas escolhas das leitoras é perceptível na fala da entrevistada Caruccio (2019), que se baseava na moda estampada na revista.

Em um dos trechos de sua fala, afirmou: “Quando eu casei era essa moda desta revista, aqui em Pelotas era essa a moda e o chique era vir de Montevideo as roupas, gostavam muito de trazer”.

Curioso pensar que na revista seguidamente aparecia a calça comprida e durante as entrevistas as leitoras relataram que ainda não tinham por hábito usar calças compridas e sim faziam uso mais dos vestidos, como se pode conferir na fala de Viscardi (2019),

Eu não usava muito calça comprida e tinha muita gente que não usava também, acho que naquela época não se usava, se usava vestido. [...] eu não gostava nem de usar calça comprida eu achava tão esquisito, [...]. Agora eu gosto, agora eu não tiro (risadas) [...] até em festa, agora todo mundo usa calça comprida.

Corroborando a Viscardi, “Em 1960 até 1970 imagina usar calça, não usavam calça comprida, eu acho que começaram a usar calça em 1970, antes todas só usavam saia e salto” (ALVES, 2019). Lange (2020) também recorda sobre o uso das calças compridas que segundo ela, “[...] calça comprida só para ir para fora. As peixeiras, até a meia canela, somente para ir para fora, na cidade jamais, era deselegante e a gente sabia como vestir”.

Os trechos de entrevistas aqui apresentados podem ser pensados à luz de Chartier (1999), que adverte que toda a leitura traz sempre uma apropriação por criar significados. Ainda assim, não quer dizer que as leitoras da revista iriam se apropriar de tudo que ela ensina, porque essas mulheres que leem o periódico são livres para criarem seus próprios sentidos, sendo que, cada pessoa e cada período cria uma maneira diferente de ler, o que muda algumas vezes o sentido do texto e a compreensão por parte das leitoras.

Nota-se pelas narrativas, que algumas seguiam o que a revista aconselhava, mas nem tudo, como se pode ver na seguinte fala de Lange (2019): “Sim com as misses e as atrizes a gente copiava, porém, algumas coisas a gente achava bonito, mas não se animava a usar”, elas faziam essa seleção do que servia ou não para

elas: “Por exemplo, se elas usassem algum maiô mais pelado a gente não copiava, mas as roupas sim” (LANGE, 2019).

Encaminhando para as a considerações finais, salienta-se que a revista *O Cruzeiro* foi fonte de informação e de educação, influenciando o dia a dia das mulheres. Entende-se que o periódico criava padrões – entendidos aqui como representações de feminino – e os disseminava na sociedade, sofrendo apropriações e resultando em práticas sociais entre suas leitoras. As entrevistas com senhoras pelotenses que consumiam o periódico entre as décadas de 1950 e 1960 confirmam esta afirmação, mesmo que suas falas também revelem limites na adoção das referências da revista. Compreende-se, portanto, que a revista *O Cruzeiro* esteve envolvida em um processo que visava à educação feminina nos anos em que vigorou.

Palavras-chave: Educação do universo feminino, Apropriações, Revista *O Cruzeiro*.

Referências:

ALVES, Ivone Tavares de Assumpção. Entrevista concedida a Tânia Teixeira, Pelotas, 18 out. 2019.

Arquivo Hemeroteca Digital Brasileira. Revista O Cruzeiro, 1950-1969

CARUCCIO, Marta de Jesus Ferreira. Entrevista concedida a Tânia Teixeira, Pelotas, 06 dez 2019.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priore. Brasília: EdUnb, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. 2.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos e ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do Tempo e Recantos da Memória:** reflexões metodológicas sobre História Oral. São Leopoldo: Oikos, 2012.

LANGE, Flávia Lima. Entrevista concedida a Tânia Teixeira, Pelotas, 04 nov. 2019 e 01 set. 2020.

VISCARDI, Guiomar Ribeiro dos Santos. Entrevista concedida a Tânia Teixeira, Pelotas, 06 nov. 2019.

AVALIAÇÃO DA EXPRESSÃO DO ALUNO NA VIDA ESCOLAR DE
UMA CLASSE SECUNDÁRIA EXPERIMENTAL: COLÉGIO DE
APLICAÇÃO/UFRGS - 1960

Valeska Alessandra de Lima
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
vlima.crk@gmail.com

A presente investigação busca publicizar e analisar o conjunto documental intitulado “Levantamento de dados para estudo da expressão do aluno na vida escolar”, um relatório de 1960, escrito provavelmente como atividade do ciclo de observações realizadas pelos estudantes do Curso de Formação de Orientadores Educacionais (CFOE), oferecido pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Inscrita no campo da História da Educação e fortemente conectada com a História das Instituições Educativas, esta pesquisa utiliza como metodologia a análise documental. Assim, tem como *corpus* principal o citado relatório que está arquivado no Laboratório de Ensino de História e Educação, que abriga parte da documentação institucional do Colégio de Aplicação/UFRGS, especialmente pastas da Comissão de Ensino que contém valiosas informações sobre os primeiros cinquenta anos da instituição (LIMA, 2016). Composto por cerca de quarenta folhas brancas, sem pautas e de tamanho ofício, o documento apresenta uma parte cuidadosamente manuscrita em caneta azul e outra datilografada. A primeira seção traz a transcrição das entrevistas com